

FRIEDRICH NIETZSCHE

# CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

*ou*

*Como se filosofa com o martelo*

*Tradução, notas e posfácio*  
Paulo César de Souza



Copyright da tradução, notas e posfácio  
© 2006 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophiert [1888]

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Márcia Copola

*Índice remissivo*

Daniel A. de André

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues

Giovanna Serra

*Atualização ortográfica*

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo /  
Friedrich Wilhelm Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo  
César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

Título original: Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem  
Hammer philosophiert [1888].

ISBN 978-85-359-2858-7

1. Filosofia 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

I. Souza, Paulo César de. II. Título. III. Como se filosofa com o  
martelo

17-00855

CDD-100

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia 100

2017

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# SUMÁRIO

Prólogo 7

I. Máximas e flechas 9

II. O problema de Sócrates 14

III. A “razão” na filosofia 20

IV. Como o “mundo verdadeiro” finalmente  
se tornou fábula 25

V. Moral como antinatureza 27

VI. Os quatro grandes erros 32

VII. Os “melhoradores” da humanidade 40

VIII. O que falta aos alemães 44

IX. Incursões de um extemporâneo 50

X. O que devo aos antigos 85

Fala o martelo 91

Notas 93

Apêndice: Cartas sobre *Crepúsculo dos ídolos* 113

Posfácio 119

Índice remissivo 123

Sobre o autor e o tradutor 135

## PRÓLOGO

Manter a jovialidade em meio a um trabalho sombrio e sobremaneira responsável não é façanha pequena: e, no entanto, o que seria mais necessário do que jovialidade? Nenhuma coisa tem êxito, se nela não está presente a petulância. Apenas o excesso de força é prova de força. — Uma *tresvaloração de todos os valores*,<sup>1</sup> esse ponto de interrogação tão negro, tão imenso, que arroja sombras sobre quem o coloca — uma tarefa assim, um tal destino, compele a sair ao sol a todo instante e sacudir de si uma seriedade pesada, que se tornou pesada em demasia. Todo meio é bom para isso, todo “caso” um acaso feliz.<sup>2</sup> Sobretudo a *guerra*. A guerra sempre foi a grande inteligência de todos os espíritos que se voltaram muito para dentro, que se tornaram profundos demais; até no ferimento se acha o poder curativo. Há algum tempo, minha divisa é uma máxima cuja procedência eu subtraio à curiosidade erudita:

*increscunt animi, virescit vulnere virtus.*<sup>3</sup>

[crescem os espíritos, o valor viceja com a ferida]

Uma outra convalescença, em algumas circunstâncias ainda mais desejada por mim, está em *auscultar ídolos*... Há mais ídolos do que realidades no mundo: este é meu “mau olhar” para este mundo, é também meu “mau ouvido”... Fazer perguntas com o *martelo* e talvez ouvir, como resposta, aquele célebre som oco que vem de vísceras infladas — que deleite para alguém que tem outros ouvidos por trás dos ouvidos — para mim, velho psicólogo e aliciador,<sup>4</sup> ante o qual o que queria guardar silêncio *tem de manifestar-se*...<sup>5</sup>

Também este livro — seu título já o revela<sup>6</sup> — é sobretudo um descanso, um torrão banhado de sol, uma escapada para o ócio de um psicólogo. Talvez também uma nova guerra? E serão perscrutados novos ídolos?... Este pequeno livro é uma *grande declaração de guerra*; e, quanto ao escrutínio de ídolos, desta vez eles não são ídolos da época, mas ídolos *eternos*, aqui tocados com o martelo como se este fosse um diapasão — não há, absolutamente, ídolos mais velhos, mais convencidos, mais empolados... E tampouco mais ociosos... Isso não impede que sejam *os mais acreditados*; e, principalmente no caso mais nobre, tampouco são chamados de ídolos...

*Turim*, em 30 de setembro de 1888,  
dia em que foi terminado o primeiro livro  
da *Tresvaloração de todos os valores*<sup>7</sup>

Friedrich Nietzsche

## I. MÁXIMAS E FLECHAS

1. A ociosidade é a mãe de toda psicologia.<sup>8</sup> Como? A psicologia seria — um vício?

2. Mesmo o mais corajoso de nós raras vezes tem a coragem para o que realmente *sabe*...

3. Para viver só, é preciso ser um bicho ou um homem — diz Aristóteles.<sup>9</sup> Falta o terceiro caso: é preciso ser as duas coisas — *filósofo*...

4. “Toda verdade é simples.” — Não é isso uma dupla mentira? —<sup>10</sup>

5. De uma vez por todas, muitas coisas eu *não* quero saber. — A sabedoria traça limites também para o conhecimento.

6. É em sua natureza selvagem que o indivíduo se refaz melhor de sua desnatureza, de sua espiritualidade...

7. Como? O ser humano é apenas um equívoco de Deus? Ou Deus apenas um equívoco do ser humano? —

8. *Da escola de guerra da vida.* — O que não me mata me fortalece.

9. Ajude a si mesmo: então, todo mundo lhe ajudará. Princípio do amor ao próximo.

10. Não cometamos covardia em relação a nossos atos! Não os abandonemos depois de fazê-los! — É indecente o remorso.

11. Pode um asno ser trágico? — Sucumbir sob um fardo que não se pode levar nem deitar fora?... O caso do filósofo.

12. Tendo seu *por quê?* da vida, o indivíduo tolera quase todo *como?* — O ser humano *não* aspira à felicidade; somente o inglês faz isso.<sup>11</sup>

13. O homem criou a mulher — mas de quê? De uma costela de seu Deus — de seu “ideal”...

14. Como? Você procura? Gostaria de decuplicar-se, centuplicar-se? Procura seguidores? — Procure *zeros!* —<sup>12</sup>

15. Homens póstumos — eu, por exemplo — são menos compreendidos do que os temporâneos,<sup>13</sup> mas mais *ouvidos*. Mais precisamente: não somos jamais compreendidos — *daí* nossa autoridade...

16. *Entre mulheres*. — “A verdade? Oh, o senhor não conhece a verdade! Ela não é um atentado a todos os nossos *pudeurs* [pudores]?”

17. Eis um artista tal como eu gosto de artistas, modesto em suas necessidades: ele quer apenas duas coisas, seu pão e sua arte — *panem et Circen...*<sup>14</sup>

18. Quem não sabe pôr sua vontade nas coisas lhes põe ao menos um *sentido*: isto é, acredita que nelas já se encontra uma vontade (princípio da “fé”).

19. Como? Vocês escolhem a virtude e o peito estufado, e ao mesmo tempo olham furtivamente para as vantagens dos irrefletidos? — Mas com a virtude *renuncia-se* às “vantagens” (para a porta da casa de um antissemita).

20. A mulher completa incorre em literatura como incorre num pecadilho: como experiência, de passagem, olhando em volta para ver se alguém a está notando, *que* alguém a está notando...

21. Colocar-se apenas em situações em que não se pode ter virtudes aparentes, em que, como o funâmbulo sobre uma corda, ou se cai ou se fica em pé — ou se escapa...

22. “Homens maus não têm canções.”<sup>15</sup> — Como é que os russos têm canções?

23. “Espírito alemão”: há dezoito anos<sup>16</sup> uma *contradictio in adjecto* [contradição nos termos].

24. Buscando pelas origens, o indivíduo torna-se caranguejo. O historiador olha para trás; por fim, ele também *acredita* para trás.

25. A satisfação consigo protege até mesmo do resfriado. Alguma vez uma mulher que se sabia bem-vestida se resfriou? — Estou supondo que estivesse pouco vestida.

26. Desconfio de todos os sistematizadores e os evito. A vontade de sistema é uma falta de retidão.

27. A mulher é considerada profunda — por quê? porque nela jamais se chega ao fundo. A mulher não é sequer superficial.

28. Se a mulher tem virtudes masculinas, há que fugir dela; se não tem virtudes masculinas, ela mesma foge.

29. “Quanto tinha de remorder a consciência antigamente! Que bons dentes tinha!”<sup>17</sup> — E hoje? O que lhe falta?” — Pergunta de um dentista.



30. Raramente se comete uma precipitação apenas. Com a primeira sempre se faz demais. Justamente por isso se comete uma segunda, em geral — e então se faz de menos...

31. O verme se encolhe ao ser pisado. Com isso mostra inteligência. Diminui a probabilidade de ser novamente pisado. Na linguagem da moral: *humildade*. —

32. Há um ódio à mentira e à dissimulação que vem de uma sensível noção de honra; há um ódio igual que vem da covardia, sendo a mentira *proibida* por um mandamento divino. Covarde demais para mentir...

33. Quão pouco é necessário para a felicidade! O som de uma gaita de foles. — Sem a música a vida seria um erro. O alemão imagina até Deus cantando canções.<sup>18</sup>

34. *On ne peut penser et écrire qu'assis* [Não se pode pensar e escrever senão sentado] (G. Flaubert). — Com isso te pego, niilista! A vida sedentária<sup>19</sup> é justamente o *pecado* contra o santo espírito. Apenas os pensamentos *andados* têm valor.

35. Há casos em que nós, psicólogos, somos como cavalos, e ficamos inquietos: vemos nossa própria sombra oscilar para cima e para baixo à nossa frente. O psicólogo tem de afastar a vista de *si* para enxergar.

36. Nós, imoralistas,<sup>20</sup> *prejudicamos* a virtude? — Tão pouco quanto os anarquistas aos príncipes. Apenas depois de serem alvejados eles sentam firmemente no trono. Moral: *temos que atirar na moral*.

37. Você corre *à frente*? — Faz isso como pastor? Ou como exceção? Um terceiro caso seria desertor... *Primeira* questão de consciência.

38. Você é genuíno? ou apenas um ator? Um representante? ou o que é representado? — Enfim, não passa da imitação de um ator... *Segunda* questão de consciência.

39. *Fala o desiludido.* — Eu buscava grandes homens, e sempre achei apenas os *macacos* de seu ideal.

40. Você é alguém que olha? Ou que põe mãos à obra? — ou que desvia o olhar, põe-se de lado?... *Terceira* questão de consciência.

41. Você quer ir junto? Ou ir à frente? Ou ir por si?... É preciso saber *o que* se quer e *que* se quer. *Quarta* questão de consciência.

42. Esses foram degraus para mim, eu subi por eles — para isso tive de passar por eles. Mas eles pensavam que eu queria repousar em cima deles...

43. Que importa que eu venha a ter razão? Eu tenho razão demais. — E quem hoje ri melhor também ri por último.

44. A fórmula de minha felicidade: um sim, um não, uma linha reta, uma *meta*...